

1952: a grande repressão

Juarez Ferreira de Oliveira*

RESUMO

Há 90 anos, era criado o PCB. A sua real importância não se encontra na sua longevidade, mas principalmente nas profundas raízes políticas e ideológicas que sua constante atuação deixou no pensamento político nacional. A clandestinidade, a repressão e a morte foram para o partido a regra enquanto a exceção foi à normalidade legal. Esta repressão teve em Sergipe três momentos principais: 1935/36 após o levante comunista; em 1952 e em 1976 na macabramente famosa 'Operação Cajueiro'. Todas as ondas repressivas foram severas e causaram danos. A grande repressão de 1952 não foi diferente. A nomeio de 'grande', principalmente por sua extensão e profundidade. Ela atingiu todo o Partido, provocando a prisão de dezenas de pessoas em Aracaju e no interior do estado, desmantelando praticamente todos os organismos e instância do Partido. Portanto, compreender a organização e o funcionamento do PCB em Sergipe no início da década de 1950 e analisar a repressão de 1952 são objetivos desta pesquisa.

Palavras-chave: PCB; Repressão; Sergipe.

1952: the great suppression

ABSTRACT

For 90 years, was created the PCB. Its real significance lies not in its longevity, but mainly in deep political and ideological roots that made her constant performance in national political thought. The secrecy, repression, and death came to the party rule as the exception to normality was legal. This repression in Sergipe had three main stages: 1935/36 after the communist uprising, in 1952 and in 1976 the famous macabre 'operation cajueiro'. All repressive waves were severe and caused damage. The great repression of 1952 was no different. The dub of 'great', mainly because of its breadth and depth. She hit all the party causing the arrest of dozens of people in Aracaju and upstate dismantling virtually all organisms and instance of the Party. Therefore understanding the organization and functioning of the PCB in Sergipe in the early 1950s and analyze the repression of 1952 are objectives of this research.

Keywords: PCB; Repression, Sergipe.

* Graduado em História (Universidade Federal de Sergipe) com especialização em 'Educação e Gestão' (Faculdade Pio X). Professor da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED/SE) e Secretaria Municipal de Educação de Aracaju (SEMED). Email: juralive@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Em 25 de março de 1922, nove militantes políticos criavam no Rio de Janeiro o PCB (Partido Comunista Brasileiro). Sua longa existência como organização político-partidária é uma raridade em um país onde essas organizações são efêmeras, o que por si só já justificaria o interesse despertado por sua história e justificaria qualquer trabalho de pesquisa. Porém, a sua real importância não se encontra na sua longevidade, mas principalmente nas profundas raízes políticas e ideológicas que sua longa e constante atuação deixou no pensamento político nacional.

A repressão constante que marcou quase toda a longa história do PCB teve em Sergipe três momentos principais. Em 1935/36, após o levante comunista de novembro de 1935¹; em 1952; e em 1976, na macabramente famosa “Operação Cajueiro”.

Mensurar o sofrimento e a dor causados pelo medo constante, pela tortura física e psicológica e pela privação da liberdade é algo impossível. Todas as ondas repressivas que se abateram sobre o Partido foram severas e causaram danos, em muitos casos irreparáveis, aos militantes e suas famílias.

A grande repressão de 1952 não foi diferente. A nomeio de ‘grande’ não para colocá-la em um grau maior de importância em relação às outras, mais principalmente por sua extensão e profundidade. Dezenas de pessoas foram presas em Aracaju e no interior do estado. Praticamente todos os organismos e instância do partido foram identificados e desmantelados pela polícia.

Ocorrida no segundo semestre de 1952, a repressão atingiu todo o Partido em Sergipe e deve ser compreendida dentro do contexto nacional de “exacerbação das divergências entre setores das Forças Armadas e da sociedade civil, acerca do modelo econômico a ser implantado pelo governo Vargas (1951- 1954)”.²

¹ OLIVEIRA, Juarez F. 1935: A ANL e a luta dos trabalhadores de Aracaju contra o Fascismo. In: *Revista de Aracaju*. Aracaju, N°11., Pág. 127-144, 2005.

² ALVES, Mauro do Carmo. Na “Mira” do Exército: Movimento Intervencionista em Sergipe – 1952. Monografia/UFS-PDPH. São Cristóvão - SE, pág. 139, 2002.

Escrever a história de Sergipe sem levar em consideração a atuação e a importância dos comunistas e dos grupos sociais subalternos é um grave erro. Portanto, compreender a organização, o funcionamento e a atuação do Partido em Sergipe no início da década de 1950 até a repressão de 1952 são objetivos desta pesquisa.

1. REORGANIZAÇÃO

Enfraquecido por quase uma década de forte repressão (que começa com o fracasso do levante de 1935 e se estende por todo o período da ditadura do Estado-Novo), o PCB começa a sua reestruturação em uma conferência no interior do estado do Rio de Janeiro. A histórica Conferência da Mantiqueira reuniu delegações de vários estados do Brasil, inclusive Sergipe, e tinha como missões principais impedir o fim do Partido e reestruturá-lo para as lutas futuras dentro do novo contexto nacional e internacional.

A nova linha política adotada na Conferência era a de conciliação com o governo de Vargas e preconizava a união nacional democrática e o esforço conjunto para a derrota do facismo na guerra. Ao final da Segunda Grande Guerra, o PCB sai da clandestinidade e passa a viver seus breves momentos de legalidade.

2. BREVE LEGALIDADE (1945-1947)

O final da II guerra mundial, com a vitória dos aliados, trouxe uma nova esperança de paz para o mundo e um alento aos comunistas brasileiros. A vitória conjunta de norteamericanos e soviéticos transmitiu ao mundo a possibilidade de uma consistência pacífica entre os dois modelos antagônicos. É dentro deste 'clima' pós-guerra de cooperação e amizade que o PCB alcança a sua legalidade. A legalidade aliada à propaganda positiva da vitória da URSS na guerra provocou um rápido crescimento do PCB em todo o país. Em Sergipe não foi diferente.

Durante a sua breve legalidade, o Partido alcançou várias vitórias políticas, entre elas um grande avanço eleitoral. No pleito presiden-

cial de 1945, o candidato do Partido, Yedo Fiúza, teve cerca de 10% dos votos em todo o país e chegou a vencer as eleições em Aracaju. Nacionalmente o PCB elegeu 14 deputados federais e Prestes como senador da república, além de inúmeros deputados estaduais. Entre os deputados federais, estava o estivador sergipano Oswaldo Pacheco,³ eleito por São Paulo.

Em Sergipe, a vida legal do Partido começa em agosto de 1945, quando em cerimônia no Cine-Teatro Rio Branco é instalado o Comitê Estadual do PCB.⁴ Nas eleições de janeiro de 1947 o Partido elege como deputado estadual o médico Armando Domingues e posteriormente para vereador em Aracaju o seu cunhado Carlos Garcia.

Armando Domingues, segundo Antônio Samarone:

(...) nasceu em 20 de maio de 1912, no município de Entre-Rios, Bahia. Iniciou o exercício profissional na cidade de Itabaiana, Sergipe. Depois, mudou-se para Aracaju e se dedicou à psiquiatria. Militou na política partidária. Foi deputado estadual e se notabilizou como notável orador.⁵

A legalidade teve vida breve. Refletindo a nova realidade mundial da ‘Guerra Fria’, em 07 de maio de 1947 é cancelado o registro do PCB e o Partido é novamente jogado na clandestinidade. Em Aracaju, é organizado em dezembro do mesmo ano um grande comício contra o cancelamento do registro e a provável cassação dos mandatos eletivos dos comunistas. O comício foi duramente reprimido pela polícia,

³ Membro do Comitê Central, Oswaldo Pacheco da Silva foi um dos maiores líderes sindicais dos portuários brasileiros. Sergipano, foi presidente do Sindicato dos Estivadores de Santos, da Federação Nacional dos Estivadores, da PUA (Pacto de Unidade e Ação), do Fórum Sindical de Debates. (<http://www.marxists.org/portugues/dicionario>)

⁴ DANTAS, Ibarê. *Os Partidos Políticos em Sergipe (1889 – 1964)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p.168.

⁵ SANTANA, Antônio Samarone de & Cols. – *Dicionário biográfico de médicos de Sergipe*. Aracaju, 2009

sendo morto durante os conflitos o militante comunista Anísio Dário Lima Andrade.⁶

A morte de Anísio Dário não foi esquecida pelos comunistas de Sergipe. Em todo o material relativo as finanças do Partido, apreendido pela polícia em 1952, podemos encontrar contribuições para a viúva do estivador.⁷

No início de 1948, em consequência do cancelamento do registro do PCB, são cassados, em todo o país, os mandatos dos parlamentares eleitos pelo Partido, aprofundando assim a repressão.

Em Sergipe, foram cassados o deputado estadual Armando Domingues e o vereador de Aracaju, Carlos Garcia. Na Assembleia Legislativa, pelo menos duas vezes se levantaram contra a cassação: a do deputado Orlando Dantas⁸ e a do deputado, de Frei Paulo, Napoleão Emídio.⁹

O cancelamento do registro pelo TSE e a subsequente cassação dos mandatos dos comunistas teve um impacto profundo no Partido e uma grande importância na sua nova linha política adotada em agosto de 1950. A clandestinidade interrompeu um período de crescimento e afirmação dos comunistas iniciado ao final da Segunda Guerra Mundial, esvaziando suas fileiras além de demonstrar claramente os verdadeiros limites da democracia brasileira da época.

3. ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA (1950 – 1952)

O PCB encontrava-se bem organizado e ativo no estado de Sergipe no início dos anos 1950. Apesar da clandestinidade e da linha política sectária adotada a partir de agosto de 1950, o Partido contava com um bom número de militantes. No estado, além da Comissão Estadual e de

⁶ Em 2008 a Prefeitura Municipal de Aracaju através de iniciativa de seu prefeito Edvaldo Nogueira (PCdoB) homenageou Anísio Dário dando o seu nome ao novo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), coincidentemente localizado na rua Luíz Carlos Prestes N°. 99 nesta capital.

⁷ CX 2534 / 2536 (AJES)

⁸ DANTAS, Ibarê. Op. Cit., p.197.

⁹ DEDA, Oscar de Oliveira. "A Casa do Povo". IN: *Jornal da Cidade*. Aracaju: 20/06/2011

seu Comitê Executivo, o PCB se fazia presente em Aracaju e em outras 14 cidades do interior.¹⁰

Na capital, estava o maior número de militantes e células partidárias. Ao todo, entre Comitê da capital e Comissão Estadual, existiam cerca de duas dúzias de células. Estes organismos primários do Partido se dividiam principalmente em dois tipos: por localidade (bairro ou rua) e por atividade profissional ou empresa.¹¹

As principais células por localidade em Aracaju eram: Expedicionários, 18 do Forte, Grageru, Monte Castelo, Nobre de Lacerda, Fausto Cardoso, Santo Antônio e Campos. As principais células do Partido, como um todo, por atividade profissional ou empresa eram: Fábrica Confiança, Sergipe Industrial, Correios, Ferroviários, Prefeitura, Luz & Força, Água & Esgoto, Portuários e Construção Civil.¹²

Existiam também células (provavelmente três) exclusivamente femininas, que contavam com cerca de uma dúzia de militantes em junho de 1952¹³ e a União da Juventude Comunista (UJC) que aglutinava os estudantes ligados ao Partido e que possuía uma fração secundarista (dentro dos grêmios e da USES) e uma fração universitária.¹⁴

O comando do Partido ficava a cargo da Comissão Estadual composta por doze membros, sendo nove titulares e três suplentes. Essa Comissão, no início dos anos 50, era composta por: Fragnon Carlos Borges (“Alfredo”), Nelito Nunes Carvalho (“Souza”), Filenon Franco Freire (“Ubaldo”), Oscar Guimarães Mota (“Quirino”), Manoel Vicente (“Fortes”), Manoel Leandro (“João de Propriá”), Lídio dos Santos (“Arlindo”), Antônio Corrêa (“Lobato”), Antônio Bitencourt (“Ari”), João de Matos (“João de Itabaiana”), Manoel Rodrigues da Silva (“Nezinho” ou “Mário”) e Florentino Bento dos Santos (“Bebeto de Estância”).¹⁵

O comando do Partido recaía principalmente sobre o seu Comitê

¹⁰ Lista de Contribuição das células e comissões municipais (CX - 2535 / AJES)

¹¹ ALVES, Mauro do Carmo. Op. Cit., p. 54 e 55.

¹² (CX -2535 /AJES)

¹³ Plano de trabalho feminino de 01/06/1952 (Cx - 2536 / AJES)

¹⁴ Plano de atuação e trabalho para estruturação da UJC e outros. (Cx - 2536 / AJES)

¹⁵ ALVES, Mauro do Carmo. Op. Cit., p.54 .

Executivo que verdadeiramente era o órgão de direção do PCB em Sergipe. Faziam parte do comitê Fragnon Carlos Borges (Secretário Político), Nelito Nunes Carvalho (Agitação e Propaganda), Filenon Franco Freire (Tesoureiro) e Manoel Rodrigues da Silva (Organização e Finanças).¹⁶

Segundo Mauro do Carmo Alves, em seu meritório trabalho monográfico, o Partido no Estado recebia a orientação política do Comitê baiano do PCB:

(...) tendo como organismo central o Comitê Estadual que, por sua vez, era orientado politicamente pelo Comitê Estadual da Bahia, representado por Agostinho Dias de Oliveira. Este era responsável pela coordenação e fiscalização dos planos de trabalho do Partido no Estado. (...) a assistência dava-se por meio de visitas periódicas feitas a Sergipe, de três em três meses, aproximadamente, chegando a seis.¹⁷

4. OS MILITANTES

A história do movimento comunista em Sergipe não pode ser corretamente feita sem a tentativa de se reconstruir a trajetória de alguns dos seus militantes, daqueles homens e mulheres que lutaram sob a sua bandeira e arriscaram a vida e a liberdade por seus ideais.

Ao que tudo indica, no começo dos anos 50, o PCB tinha à frente Fragnon Carlos Borges, então secretário político do Comitê Executivo do Partido. Jovem comerciário de apenas 25 anos, era natural de Frei Paulo e residia na Rua Nossa Senhora da Glória. Novo, era frequentador das rodas intelectuais e das redações jornalísticas de Aracaju, chegando a redator da revista sergipana *‘Época’*.

Na maioria dos interrogatórios feitos pela polícia após a repressão de 1952, o seu nome aparece em destaque. Seja por sua atuação na

¹⁶ Interrogatórios de Filenon Franco Freire de 10/11/52 e Oscar Guimarães Mota de 11/11/52 (CX- 2534/AJES)

¹⁷ ALVES, Mauro do Carmo. Op. Cit., p.57.

imprensa partidária, seja como destinatário final da arrecadação financeira das células do Partido, seja como recrutador de novos militantes e ‘recuperador’ de camaradas que haviam se afastado da organização, seja como orador constante nos comícios do professor Franco Freire, candidato a prefeito de Aracaju. Fragnon foi, apesar da pouca idade, o elemento catalisador do PCB neste período. Para Mauro do Carmo Alves: “(...) se constituía na maior autoridade do Partido Comunista em Sergipe, sendo ele quem dava as necessárias ordens às diversas células e organismos”.¹⁸

Outro membro da direção do PCB em Sergipe foi o estudante Nelito Nunes Carvalho. Jovem, residente na Rua Itaporanga, atuava principalmente na União da Juventude Comunista (UJC) e na imprensa partidária. No material anexado ao inquérito da justiça, estão várias cartas e telegramas destinados a ele que demonstram uma intensa atividade partidária entre 1951 e 1952.

É ele que responde nestes anos pelo recebimento e distribuição pelas células, comitês municipais e simpatizantes dos números do jornal do Partido (‘Voz do Operário’). É ele também que em 1952 organiza a juventude comunista para a participação nos congressos da UNE e da UBES em Belo Horizonte.

Oscar Guimarães Mota – dirigente do PCB no início da década de 50 – era funcionário público federal (IBGE) e possuía profundo conhecimento do Partido e sua estrutura, em especial o Comitê Municipal de Aracaju, onde chegou a ser secretário político.

Comunista dedicado, envolveu toda a família na política de esquerda. Suas duas filhas: Maria Helena Mota e Maria Matilde Oliveira Mota também foram atuantes militantes do Partido. A mais velha Maria Helena (27 anos à época) era funcionária do IAA e noiva de Fragnom Borges. A mais nova, Maria Matilde (19 anos à época) entrou para a UJC convidada por Nelito Nunes e era ligada ao Colégio Estadual de Sergipe (Atheneu). Organizaram também a Associação Feminina de Sergipe dirigida, porém, por Edgar Pinto e Jaime Calado.¹⁹

¹⁸ Idem, p. 54.

¹⁹ Idem, p. 56.

Manoel Vicente ou ‘Fortes’, como era conhecido no Partido, era operário da fábrica Confiança e membro da direção estadual. Com 32 anos, era o responsável pelo setor sindical do Partido e já havia sido preso anteriormente por ‘passar’ rifas de periódicos comunistas nas portas das fábricas em Aracaju. Fazia também arrecadações das contribuições das células têxteis e as encaminhava a Fragnon Borges. Manteve-se ligado ao Partido durante décadas.

Lourival Pinheiro de Mello ou ‘Barão’ era marceneiro e secretário político do Comitê Executivo Municipal de Aracaju em 1952, o qual era composto também por: Antônio Muniz (“Baiano”) – Agitação e Propaganda ou Oscar Guimarães Mota (“Quirino”); Antônio Lisboa (“Paulino”) – Organização e Finanças; Antônio Corrêa dos Santos – Sindical; e Ozório Araújo Ramos (“China”) – Tesouraria.

Para Mauro do Carmo Alves, o secretário de Agitação e Propaganda neste período era Oscar Guimarães Mota.²⁰ Acredito que por motivos óbvios em seu interrogatório à polícia, Oscar Guimarães Mota omitiu o seu nome substituindo-o pelo de Antônio Muniz à frente do secretariado.²¹

Hélio Silva, filho de José Nunes da Silva e Júlia Canna Brasil e Silva, nasceu em Aracaju (SE), no dia 17 de abril de 1931, era estudante, poeta e membro da USES em 1952. Estava ligado à juventude comunista e ao recebimento de periódicos vindos de outros estados. Em carta endereçada a ele, Murilo Vaz (revista ‘Novos Rumos’) trata de assuntos referentes à participação da delegação sergipana no IV Congresso Nacional de Estudantes Secundaristas que se realizaria na Bahia.

Renato Mazze Lucas era um jovem médico que apesar de não ser membro na época da direção estadual do PCB foi um militante fundamental na organização do Comitê Municipal de Itabaiana, juntamente com os trabalhadores manuais João de Matos (Secretário Político), Antônio Oliveira (Agitação e Propaganda) e José Martins (Tesoureiro)

²⁰ ALVES, Mauro do Carmo. Op. Cit., p.55.

²¹ Depoimento de Oscar Guimarães Mota em 12/11/1952 (Cx-2534 / AJES)

²² Dr. Renato foi psiquiatra, autor de livros, membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Sergipana de Medicina. Faleceu muito respeitado em 1985²³.

5. ATUAÇÃO

Apesar da clandestinidade e de toda a ordem de dificuldades, os camaradas sergipanos do PCB tiveram uma importante atuação nos primeiros anos da década de 1950. Todos os grandes movimentos e campanhas abraçados pelos comunistas nacionalmente e internacionalmente encontraram em terras sergipanas eco através do trabalho de agitação e propaganda dos comunistas locais.

Uma de suas principais atividades era o recebimento e distribuição da imprensa partidária e de periódicos ligados direta ou indiretamente a ele. Pelo que indicam os documentos, o recebimento, distribuição e pagamentos destes periódicos era uma atividade constante e desgastante.

As redações de jornais ligadas ao Partido, localizadas geralmente na capital federal e na Bahia, não seguiam a lei capitalista de mercado no que se refere à oferta e à procura. As tiragens enviadas a cada “agência” (estado) estava ligada não à procura dos periódicos pelos leitores mas sim aos desejos e/ou necessidade das redações.

Exemplo claro deste modo de atuação é a carta de 11 de março de 1952, endereçada a Hélio Silva que informava: “(...) em comemoração aos 30 anos do nosso invencível Partido a tiragem da ‘VOZ OPERÁRIA’ passaria de 500 para 530 exemplares”.²⁴

Esta ‘imposição’ de determinada tiragem obrigava os comunistas locais a um tremendo esforço financeiro para o cumprimento dos pagamentos dos periódicos recebidos. Prova cabal desta dificuldade são as

²² Depoimento de João Matos à polícia – 19/11/1952 (CX -2534 / AJES)

²³ SANTANA, Antônio Samarone de, & Cols. – *Dicionário biográfico de médicos de Sergipe*. Aracaju, 2009.

²⁴ Telegrama confirmando envio dos periódicos – 17/11/51 (CX – 2536/AJES).

dezenas de cobranças feitas através de cartas e telegramas das redações dos jornais e revistas ao Partido em Sergipe.

Ao que tudo indica, a parte dos jornais e revistas chegava a Aracaju via aérea através da CIA. de AVIAÇÃO REAL S/A que tinha como agente na cidade o Sr. Manoel de Faro Sobral. Jovem senhor de seus 40 anos à época, era comunista e havia entrado para o Partido durante sua breve legalidade, chegando a concorrer em 1946 a uma vaga na Assembleia Legislativa²⁵.

Após o recebimento dos periódicos (principalmente a ‘VOZ OPE-RÁRIA’, ‘IMPrensa POPULAR’, ‘GAZETA SINDICAL’, Revista ‘NOVOS RUMOS’, etc.) eles eram distribuídos entre os comitês municipais, células e simpatizantes, que por sua vez recolhiam o valor em dinheiro referente a eles e encaminhava o montante à direção estadual. Toda esta logística de recebimento, distribuição e pagamento dos periódicos produzia inúmeras listas com nomes, endereços e valores que se mostrariam fatais ao Partido no segundo semestre de 1952.

Além da distribuição da imprensa partidária produzida fora de Sergipe, aqui também eram produzidos e distribuídos jornais locais do Partido. O principal jornal comunista sergipano no período foi ‘A VERDADE’, que foi do final da década de 40 até 1951 a ‘voz’ dos comunistas sergipanos e contava em sua redação com Fragnom Carlos Borges, Filenon Franco Freire, entre outros, com uma tiragem de mil exemplares. Provavelmente, em setembro de 1951, a “voz” dos comunistas sergipanos é calada de vez quando a sua tipografia, coração do jornal, é incendiada.

Apesar do forte abalo sofrido com a destruição do periódico, o Partido rapidamente se mobiliza para a criação de outro veículo de informação. Apoiados pela Associação Sergipana de Ajuda a Imprensa Popular, formam a sociedade ‘Folha Popular Ltda.’ entre Fragnom, Nelito e Finelon, entre outros, com o objetivo de publicar um novo jornal em substituição ao que foi incendiado²⁶. Foi assim que em 1952 surge a ‘Folha Popular’.

²⁵ Telegrama confirmando envio dos periódicos – 17/11/51 (CX – 2536/AJES).

²⁶ CX-2535 /AJES

Outra importante atuação comunista em Sergipe foi a luta contra a entrada do Brasil na chamada Guerra da Coreia ao lado dos norteamericanos. Contra a guerra, o PCB lançou a campanha ‘Partidários da Paz’ em todo o Brasil.²⁷

Em carta destinada a Hélio Silva, de 06 de junho de 1951, a revista ‘NOVOS RUMOS’ solicita 15 mil assinaturas para o chamado ‘Pacto da Paz’. Em outra carta, a orientação é para a criação no estado de uma ‘Comissão Juvenil Pro-Paz’. Toda esta movimentação deságua no III Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, em novembro de 1951, com a participação de uma delegação sergipana.²⁸

Outra histórica campanha abraçada pelos comunistas foi a do monopólio do petróleo que desembocaria na criação da Petrobras em outubro de 1953. Em Sergipe, a presidência da campanha coube ao professor Franco Freire.

Anexado ao processo judicial gerado a partir da repressão de 1952, estão fotos²⁹ de pichações atribuídas aos comunistas, nestas fotos podemos ler: “FORA ACHESON! O PETRÓLEO É NOSSO” e “FORA ACHESON! ESTA TERRA TEM DONO” em referência ao senhor Dean Gooderham Acheson, então secretário de estado norteamericano. As reuniões da comissão estadual de luta pelo monopólio estatal do petróleo eram realizadas nas dependências do hoje centenário Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).³⁰

6. 1952

A repressão do segundo semestre de 1952 poderia ter ocorrido seis meses antes e com maior eficiência se, por algum motivo tolo, capricho da sorte ou por alguma denúncia, a polícia tivesse chegado a uma modesta rua do bairro Santo Antônio em Aracaju na noite de 21 de

²⁷ ALVES, Mauro do Carmo. Op. Cit., p.75 -83.

²⁸ CX - 2535/AJES

²⁹ CX -2535 /AJES

³⁰ ALVES, Mauro do Carmo. Op. Cit., p.83 – 85.

dezembro de 1951. Na humilde casa do advogado comunista Hernani Mesquita Prata, e contrariando as mais básicas regras de segurança, estava reunida toda a direção estadual do PCB assim como inúmeros militantes, simpatizantes e seus familiares. O motivo de tamanha imprudência era a celebração do aniversário de 72 anos de Stalin.

Reunidos ao redor de uma mesa de doces e tendo ao centro um bolo estavam: Fragnom Borges, Roberto Garcia, Finelon Franco Freire, Nelito Nunes, Hélio Silva, Lourival Pinheiro, Renato Chagas, Gilberto Queiroz entre outros³¹. A comemoração pelos 72 anos de Stalin àquela noite fora precedida pela distribuição de panfletos, pichações nos muros da cidade, criações de poemas, edição especial de jornais comunistas, soltura de fogos durante todo o dia etc.

O ano de 1951 estava quase acabando e é aceitável supor que tenha ocorrido entre eles um balanço das atividades do ano. Apesar da clandestinidade e da perda do jornal incendiado, o PCB havia cumprido a sua missão: cursos de formação foram feitos; a imprensa partidária havia sido distribuída; novos ‘quadros’ se uniram ao Partido; a campanha do petróleo estava bem encaminhada; o Brasil não entrara na Guerra da Coreia; a juventude comunista aumentara sua influência no meio estudantil; ou seja, a vanguarda do proletariado brasileiro continuava sua marcha em terras sergipanas.

Provavelmente também falaram sobre o futuro próximo. O ano de 1952 prometia: eleições municipais;³² aniversário de 30 anos do Partido; criação do novo jornal em substituição de “A VERDADE” etc. Não podiam saber, porém, que o ano que chegava também traria até eles a maior repressão ao comunismo que as terras sergipanas veriam. Após esta comemoração, o núcleo principal do comunismo em Sergipe não voltaria a se reunir de forma tão completa, festiva e esperançosa.

³¹ Foto da comemoração em Aracaju do aniversário de Stálin / Dezembro de 1951, incluída como provas no inquerito (CX-2536 /AJES).

³² O TRE (Tribunal Regional Eleitoral) de Sergipe havia decidido que as eleições de Aracaju ficariam para outubro de 1954, porém o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) no Rio de Janeiro reviu esta decisão, a pedido da UDN, e determinou a realização do pleito em 13 de abril de 1952. (Jornal ‘Correio de Aracaju’ -Janeiro/1952).

A principal atividade para 1952 eram as eleições municipais, em especial a de Aracaju. A tarefa dos comunistas sergipanos não era nada fácil. Isolados, sem recursos, na clandestinidade, sem um jornal ou rádio que os apoiassem, iriam enfrentar três agrupamentos políticos poderosos. De um lado a União Democrática Nacional (UDN) comandada pelo carismático deputado federal Leandro Maciel; do outro, o Partido Social Democrático (PSD), capitaneado pelo então governador Arnaldo Rolemberg Garcez; e, por fim, a aliança entre Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) com grande inserção entre os trabalhadores aracajuanos.

Impedido de ter candidatos devido à cassação do registro em 1947, os comunistas em Aracaju tiveram que usar um subterfúgio. Em 1952, Nelito Nunes, membro do Comitê Executivo do PCB, passa a representar o inexpressivo Partido Trabalhista Nacional (PTN) perante as juntas eleitorais.³³ Será exatamente este pequeno partido que dará acolhida à candidatura do professor Franco Freire à prefeitura.

Os comunistas realizam diversos comícios³⁴ onde discursam Filenon Franco Freire, Fragnon Borges, Lourival Pinheiro de Mello, entre outros. Ao final da eleição, é eleito o engenheiro Jorge Campos Maynard pela coligação de PSP-UDN. Apesar das dificuldades, o professor Manoel Franco Freire ainda obtém cerca de mil votos.³⁵ Terminada a eleição, o Partido segue com suas atividades normais até que a repressão cai sobre ele. Segundo o professor Ibaré Dantas:

Depois de inquirir oficiais do próprio 28^oBC e da Polícia, desceram para a sociedade civil e prenderam mais de 50 pessoas, entre as quais toda a direção estadual do Partido Comunista, que, então, atuava na clandestinidade.³⁶

³³ Carta de Napoleão de Oliveira Dórea - Presidente do PTN (CX-2534/AJES)

³⁴ Ver: fotos comícios de Franco Freire (CX-2535/AJES)

³⁵ Há nos jornais da época muitas inconsistências a cerca do número exatos de votos recebidos por Franco Freire no pleito.

³⁶ DANTAS, Ibaré. Op. Cit, p.197.

Apesar da fuga de alguns, muitos dos militantes do PCB de Sergipe não conseguiram escapar e foram presos e interrogados. Entre eles estão: Filenon Franco Freire, Oscar Guimarães Mota e suas filhas, Manoel Vicente, Lourival Pinheiro de Mello, Antônio Bittencourt, João de Matos, Manoel Rodrigues da Silva, Manoel Franco Freire, Robério Garcia, Gervásio dos Santos e até José Waldson Campos, preso no Rio de Janeiro e transferido para Aracaju, entre outros³⁷.

Com eles é apreendido um rico acervo partidário que é juntado aos autos do inquérito, conduzido pelo então delegado Capitão Rosalvo Vieira de Mello,³⁸ como prova do crime de reorganização do PCB. Para Ibaré Dantas: “No curso do processo, os presos foram submetidos a longos depoimentos, entremeados não raras vezes de tortura.”³⁹

A repressão ao Partido provoca, além das prisões, uma diáspora dos líderes comunistas locais. Fragnon Borges foge do estado e reaparece em Recife em 1954 onde se casa e tem um filho.⁴⁰ Divide com Carlos Mariqhela a coautoria do livro “Origens históricas da propriedade da terra” e contribui para a imprensa comunista no Rio de Janeiro em especial como secretário da revista ‘Novos Rumos’. Em 1966, é enquadrado na Lei de Segurança Nacional nos artigos 7º e 9º e acaba condenado a três anos de prisão.⁴¹ Morre na clandestinidade durante a Ditadura Militar.

Outro importante quadro da direção estadual obrigado a deixar Sergipe foi Nelito Nunes. Segundo Laudo Braga, que escreveu para o site da UJC/AL: “Foi um dos dirigentes mais competentes que já passaram em Alagoas. Um jovem, oriundo da União da Juventude Comunista, nasceu em Aracajú-Se, onde atuou durante um longo tempo”.⁴²

³⁷ Cx: 2535, 2534, 2536/AJES

³⁸ Chegou a coronel da Polícia Militar, sendo Comandante da corporação. Foi também promotor de Justiça e exerceu ainda diversos outros cargos públicos a exemplo de secretário de Estado da Segurança Pública e diretor da Penitenciária Estadual. Faleceu em 2006 como juiz aposentado aos 83 anos.

³⁹ DANTAS, Ibarê. Op. Cit., p.197.

⁴⁰ COELHO, Marcos Antônio Tavares. *Herança de um sonho – as memórias de um comunista*. Ed. Record. p-152-154.

⁴¹ Jornal: ‘Folha de São Paulo’ de 7/07/1966.

⁴² Ver: www.pimenta.blog.br (Acessado em 23/07/2011).

Radicou-se definitivamente no sul da Bahia, em Itabuna, onde fundou jornais e gráficas, fez escola no jornalismo da região e faleceu de infarto em agosto de 2010, respeitado, amado e comunista.

Hélio Silva também foi obrigado a fugir do estado para o sul da Bahia devido à perseguição política, onde lançou '*Pássaro do Amanhã*', sua única obra publicada.

Ele foi apontado como grande defensor dos moradores de rua, especialmente as crianças. Em Itabuna, o poeta foi professor na Escola Técnica de Contabilidade e integrante do PCB. Em 1964 foi muito perseguido pelo Regime Militar, sendo obrigado a vender o jornal e a gráfica por preço irrisório. Depois de anos respondendo a processos movidos pelo Governo Militar, fez concurso público para escrivão de cartório em Itabuna, mas, ainda perseguido, foi transferido para Itororó. Longe da mulher e dos filhos(...), o poeta entrou em profunda depressão (...) acabou sofrendo um infarto em 1972, morrendo aos 42 anos.⁴³

Em 10 de dezembro de 1952, o "Diário de Sergipe" relata uma conferência proferida pelo Cel. João de Almeida Freitas realizada nas dependências da biblioteca pública Ephifânio Dórea onde ocorre a apresentação do relatório da comissão de inquérito sobre o comunismo em Sergipe. Todos os poderes constituídos estavam presentes: Arnaldo Rolemberg Garcez (governador do Estado), D. Fernando Gomes (Bispo de Aracaju), Dr. Edelzio Vieira de Melo (Vice-Governador), Des. João Dantas Martins Vieira (Presidente do Tribunal de Justiça), entres outros.⁴⁴

Apesar de todo o estardalhaço e exagero desta cerimônia, que tinha como função disseminar o medo e o anticomunismo na sociedade sergipana e nacional, ao que tudo indica, o inquérito, datado de 19 de fevereiro de 1953 e localizado na 1º vara criminal e que tinha

⁴³ Ver: www2.uol.com.br/aregiao/art/hist/Helio-nunes.htm (Acessado em 02/08/2011)

⁴⁴ Jornal "Diário de Sergipe" (10/12/1952)

como base os artº 9 e 10 da Lei nº1802, não prosperou. “Depois de meses de prisão, os suspeitos foram libertados e o processo permaneceu inconcluso”.⁴⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A repressão que se abateu sobre o PCB em 1952 foi a maior de sua história em terras sergipanas. A repressão atingiu um Partido organizado e que apesar da clandestinidade e do sectarismo político do momento tinha uma forte atuação, especialmente em Aracaju onde contava com dezenas de ‘células’. Sua composição social era heterogênea e incluía comerciários, professores, médicos, funcionários públicos, advogados, carpinteiros, estivadores e permeava grande parte da sociedade local.

A atuação do Partido, no período pesquisado, foi constante: recebia e distribuía periódicos vindos de outros estados; mantinha um jornal próprio em Aracaju; participou ativamente das campanhas pelo monopólio do petróleo e contra a Guerra da Coréia; realizou cursos de formação de quadros; participou (dentro dos limites impostos por sua clandestinidade) dos processos eleitorais; aprofundou sua influência no meio estudantil e acadêmico.

A repressão abalou profundamente o Partido: prendeu seus militantes, confiscou seus arquivos, desmantelou suas ‘células’ e expulsou do estado a maioria de suas lideranças; porém não conseguiu destruir o PCB que continuou a existir em terras sergipanas. A perseverante existência do Partido deveu-se principalmente à coragem e determinação de seus membros. Coragem e determinação que fez com que a maioria dos militantes comunistas deste período se mantivesse professando o seu ideário político e continuassem fiéis, durante toda a vida, a sua militância social.

Artigo recebido em 14 de maio de 2013.

Aprovado em 28 de maio de 2013.

⁴⁵ DANTAS, Ibarê. Op. Cit.,p.197.

